

ACERCA DA UTILIDADE DA FILOSOFIA

No tempo presente há questões irrenunciáveis que exigem respostas, formas de explicação ou argumentos aceitáveis susceptíveis de ultrapassar controvérsias em torno do valor e da importância de certas actividades de índole cultural que numa sociedade complexa como a nossa, nem sempre ou raramente encontram justificação explícita e convincente. Talvez não seja exagerado considerar que na civilização actual, eivada de um totalizante pragmatismo, se assiste a um negligenciável desencontro entre a trivialidade quotidiana e a presença da actividade filosófica, cuja origem se entrevê na constatação de que a maioria dos seres humanos vive a sua vida ao ritmo de crenças e preconceitos que lhes satisfaz a exigência de repouso, segurança e uma certa felicidade, embora algemados pelo instituído, pelo estruturado, pelo institucionalizado e, assim, sem o saberem, instalados na inautenticidade. Todavia, mais tarde ou mais cedo, cada ser humano se dá conta de uma necessidade ineludível que consiste em procurar a inteligibilidade de tudo, alargando cada vez mais horizontes da sua vida, a necessidade de compreender a sua existência na pluridimensionalidade dos seus aspectos, bem como o profundo significado da turbulência da vida actual onde a violência, a alienação e a desumanização, dir-se-ia introduzirem sinais de uma mutação histórica e provocarem por isso mesmo e directamente a responsabilidade da Filosofia perante a comunidade humana. Tal tarefa recrudescer com fecundidade em épocas de crise, de desafio e estímulo ao exercício filosófico; tal tarefa tem-se apresentado ao longo da História como voltada para a formação do Homem, visando uma "paideia" eminentemente humanista alicerçada numa constante reflexão crítica e livre, a par gnosiológica e ética.

Face à primazia e à urgência do *útil* no tempo presente que aparentemente marginaliza a Filosofia já que lhe não reconhece eficácia, tem sentido lembrar não só que a ideia de utilidade é um dos mais relativos conceitos, quer a nível pessoal quer social, mas também considerar o decisivo contributo do pensar filosófico para mudar a vida e o mundo ao longo das trajectórias históricas da aventura humana, pensando nas influências do pensamento grego na formação da civilização ocidental, recordando a importância do Iluminismo no processo revolucionário de 1789 ou, também, no impacto do empirismo e do utilitarismo na transformação de uma civilização agrária para a nossa predominantemente industrial e ainda na firme influência do pensamento de Hegel e Marx nas coordenadas matriciais do nosso tempo.

Ao olhar atentamente o desenvolvimento histórico do pensamento filosófico depára-se-nos uma manifesta intenção em pensar o fenómeno humano aspirando esclarecer a sua situação no mundo. Tal vocação está profundamente animada pelo signo de Prometeu, pois traduz um esforço crítico permanente orientado para uma inteligibilidade tão plena quanto possível da sua existência e visando primordialmente uma sabedoria que possibilite uma certa libertação da inquietude e da angústia de que se reveste a condição humana. Contudo, se o panorama histórico da Filosofia nos revela esse exercício intelectual, também, por outro lado, nos oferece indícios de que a actividade filosófica se resignou, em certos momentos, à elaboração de um discurso excessivamente especulativo, gerador de logomaquias, muito embora talvez involuntárias, mas, sem dúvida, causas eficientes de uma decepção e mesmo de um acentuado desencontro entre os filósofos e os outros seres humanos.

Todavia, a biografia da Filosofia, no estrito sentido em que Julián Marías a considera, conduz à tomada de consciência de que “os filósofos elaboraram sob tal designação coisas muito distintas, porque estavam em situações diferentes; mas aquilo que em cada caso fizeram respondeu a uma conexão histórica, determinada por vários factores: um deles, precisamente, o da actividade filosófica na situação anterior”¹ e assim importa considerar que a evolução

¹ Marías, Julian, “Biografia de la Filosofia”, Madrid, Revista de Occidente, 1968, p. 9.

do pensamento filosófico inexoravelmente se interrelaciona com os sinais do tempo em que se insere, comportando irrenunciáveis ingredientes do processo histórico-social da realidade humana. Neste contexto reside, em nossa opinião, a explicação do predomínio de certas perspectivas que o discurso filosófico assume, mormente com a intenção de se não tornar numa reflexão vaga e mesmo desincarnada, acaso incapaz de se defrontar intelectualmente com os decisivos desafios que o ritmo da existência pessoal e colectiva complexamente suscita, sob a forma de um conjunto de problemas que reclamam não apenas uma séria interpretação, mas quase sempre, conjuntamente, uma resoluta superação. Trata-se, por conseguinte, de reflectir na singular importância de uma permanente reciprocidade entre pensamento e acção, ou seja, da intervenção peculiar do saber filosófico na vida quotidiana, esclarecendo-a conceptualmente e, ao mesmo tempo, explicitando os caminhos para uma emancipação dos seres humanos à escala planetária – entendemos, por consequência e mais uma vez, que a Filosofia nos aparece sempre vocacionada a um sentido ético.

O pensamento ocidental, desde a antiga Grécia até hoje, tem iluminado com a sua inconfundível luz o caminho da Humanidade. Face à crise que a vida contemporânea produz e suporta é, ainda, à força da Razão – à sua força tranquila e talvez, invencível – embora intimidada pelas antinomias de uma civilização industrial cujo primado da tecno-ciência desconhece a sua própria crítica, que se recorre com vista a uma reconquista reflexiva e activa dos valores que traçam firmemente o rumo prometeico de uma autêntica Civilização da Dignidade.

Às mega-estruturas da Técnica que acentuam as marcas de irracionalidade, massificação e acriticismo evidentes no tempo presente, a Filosofia aposta no diálogo possibilitador de consensos essenciais em ordem a instaurar os prolegómenos que apontam para a esperança numa outra civilização, susceptível de promover o desenvolvimento e a autonomia da personalidade humana, uma vez destruídos os mecanismos geradores da alienação que estiola as aspirações de cada ser humano à fruição, única e intransferível, de uma existência feliz, ainda que sempre tragicamente precária.

Cabe à Filosofia diante dos desafios actuais interpretar este mundo e esta vida, mas importa, cada vez mais importa que, ao fazê-lo, assuma a nobilitante tarefa de pensar a sua transformação,

realizando-se numa permanente intervenção inequívoca e rectamente entendida como uma pedagogia social humanística, única via para a plena personalização de todo o género humano. Tal imperativo não pode deixar de se configurar como uma ousada e atribulada tomada de consciência de dupla face – de um lado, a afirmação de uma permanente revolta lúcida perante a absurdidade da situação humana, cuja trama histórica e vital gerou a desigualdade entre os seres humanos e, por outro lado, o projecto de alcance reformador capaz de estimular a irrupção de formas de vida, de vias e perspectivas favoráveis à emancipação ou desalienação total de cada ser humano.

Neste sentido, a Filosofia assume-se como sabedoria para a existência, atenta às condições da modernidade, às questões que a ciência contemporânea suscita, bem como ao desafio da política e à urgência ética que a actualidade intensifica ao procurar responder às exigências negligenciáveis de justiça, de rectidão e de liberdade.

Quer como saber fundamental, cuja preocupação ontológica e metafísica a caracteriza como busca do conhecimento do Ser, do Absoluto, quer como fundamentação racional do saber humano afirmando-se como gnosiologia, quer como um pensar fundamental sobre a existência humana, existencial e activo, logo, de índole ética, a Filosofia levanta-se, hoje, como a instancia a partir da qual recrudescer em abundância uma análise radical teórica e um projecto existencial, configurando-se como o esforço maximamente racional e autêntico em busca da inteligibilidade da realidade em intercorrelação essencial com aquela função sapiencial a que aludia Husserl atribuindo-lhe uma tarefa “arcôntica”², por consequência, magistral e reitora relativamente à Humanidade inteira. Tal é, por excelência, o encargo e o compromisso a cumprir pelos filósofos no nosso tempo, a missão a realizar, numa palavra, um dever!

Com efeito a vitalidade da Filosofia e a sua persistência não existiriam sem a insistência no filosofar, atitude amíúde incomodativa para uma sociedade cujos modelos mentais dominantes são, quase sempre, tidos como o fruto solene de crenças e pressupostos impermeáveis a uma certa crítica que o filosofar favorece como efeito da sua essencial heterodoxia. Tal atitude acarreta para o filó-

² Husserl, Edmund, “La crise de l’Humanité Européenne et la Philosophie” Paris, Aubier-Hontaigne, 1977, p. 63.

sofo, o desafio dialéctico que, aliás, de algum modo o oprime, em assegurar um harmonioso equilíbrio entre a convivência e a rejeição.

Convivência para lhe possibilitar um mínimo de integração social tão importante, tanto quanto lhe é urgente a rejeição de um sem número de convencionalismos apresentados como itinerários, por vezes sinuosos, conducentes às ortodoxias em que outros divisam o que chamam de vida plenamente autêntica.

Ao defrontar-se com essa panóplia de vigências sociais, tidas como importantes, o filósofo não se entrega a um alheamento passivo que, no entanto, caracteriza algumas formas de vida de marginalizados que, em grau maior ou menor, nessa situação ancoraram após uma exclusão, com alguma ignomínia, a que a sociedade os arremessou em jeito de pérfida punição. O filósofo, pelo contrário, ciente do que essa transgressão de limites lhe pode ocasionar, como a Sócrates, a cicuta terminal, não é, quase nunca, um ser demissionário e uma das mais notáveis características que lhe pautam o ritmo e a tensão consiste em defender, muitas vezes de maneira que denota não apenas ousadia, mas igualmente algum heroísmo, o que é possível e desejável face à mecânica dos factos que a sociedade vai impondo e aureolando de tonalidades axiológicas.

A todos esses factos, valores e normas, o filósofo lhes contrapõe a lucidez e a coragem da reflexão crítica, sem, contudo, os lançar à margem, mas sim analisando-os mediante um exercício intelectual susceptível de dar margem, ensejo ou ocasião para neles separar tudo quanto nessas vigências sociais marginaliza a suprema ortodoxia humana – isto é, a liberdade, liberta de tudo aquilo que a mutila e assim destrói o mais admirável horizonte que a vida humana pode amar.

Com efeito, a situação marginal do filósofo esclarecer-se-á na justa medida em que este, quantas vezes solitário na apreciação crítica, mas igualmente solidário numa atitude prometeica e fáustica, ao emitir opinião diferente, não postula a anomia ou a desintegração social, antes exige o reconhecimento da relatividade das ortodoxias, para enaltecer a livre e responsável criatividade, capaz de dissipar a silhueta da alienação que aquelas vigências sociais suscitam amiudadas vezes. A sua vocação fundamental exprime-se na experiência livre da Razão em busca do significado e da justificação das estruturas da realidade.

Nesta ortem de ideias, pensamos que a atitude permanente das interrogações essenciais conduz o verdadeiro filósofo a instalar-se – voluntária e heroicamente – numa ilha de “heterodoxia” teórica e prática ³, para não ficar prisioneiro de arbitrárias perspectivas cujo despotismo fere, por vezes, mortalmente a autonomia essencial dos seres humanos. Uma ilha dizíamos, mas uma ilha bem perto do continente, uma ilha em cujas margens baloïçam as embarcações que, ao contrário da de Caronte, o não leve aos infernos, mas sim à que poderá vir a ser, para sempre, a terra prometida.

Na realidade, a vida quotidiana da sociedade vulgar, marginada pela rotina e pelos hábitos que intensificam a decepção e a angústia dos seres humanos, ve-se confrontada com os que assumem a rotura com a trivialidade, numa contestação que luta permanentemente pela Autenticidade como máximo imperativo, em prol de uma “poiesis” existencial, uma construção de novas formas de convivência humana, um insistente esforço visando a plena personalização de todo o género humano.

Todo este afã inconformista, sob o signo de Rimbaud e de Marx, pois de “modificar a vida” e “transformar o mundo” se trata, explicita a importância da inseparabilidade entre a Filosofia e a Vida que, da sua margem, todo o pensador reclama, mormente o filósofo moral para quem a problematização radical dos valores, apesar de tudo, ainda suscita a atenção de um auditório que o escuta, embora quase sempre não para aprender, mas para o contestar, manifestando assim o seu receio e mesmo a sua hostilidade frente a quem abala a sua tranquilidade, feita de comportamentos regulares, marcada pela estabilidade e endeusamento de algumas crenças e outros tantos pressupostos que são o repertório de interpretações recebidas e assumidas sem exigência crítica.

Neste sentido, o filósofo aberto aos problemas concretos da vida quotidiana perfila-se como “testemunha e juiz das alienações” ⁴, visando o enraizamento da especulação na praxis, mas sobretudo a vitalização da praxis pela reflexão: daí que todo o filósofo tenda a “explorar os obstáculos, o horizonte, o possível e o impossível, em síntese, o *terminus ad quem*, tornando-se assim um herói transgres-

³ Nicolas, Guillermo, “El hombre, un ser en vías de realización”, Madrid Gredos, 1974, p. 211.

⁴ Lefebvre, Henri, “Critique de la Vie Quotidienne. I. Introduction”, Paris, L’Arche, 1958, p. 109.

sor”⁵, vocacionado, por consequência, para se arrojar a um ousado e, por vezes, fracassado “combate titânico entre os poderes homogeneizantes e as capacidades diferenciais”⁶ dos seres humanos na sua aventura existencial.

Porém, a sua voz brota de uma insularidade marginal, dificilmente tomada a sério, olhada, por vezes, como excêntrica atitude de um ser para quem “o mar, o pôr-do-sol, as árvores no campo, as núvens no céu, a Amizade e o Amor são, para os seus olhos deslumbrados, “uma promessa de felicidade”, como diria Stendhal”⁷, felicidade que ele anseia que não seja lançada à margem pelo alheamento que a massificação provoca inexoravelmente.

Inquieto e amíúde inquietante, ao assumir a heterodoxia como estranha forma de vida, custe o que custar, o filósofo toma sobre si a decisão de aceitar a marginalidade de uma condição como sinal da herança socrática, mas na expectativa de, num admirável dia, ela se evidenciar socialmente dominante, por consequência, arrejada daquelas margens onde, rejeitada pela imbecilidade, ainda, em grande medida, se encontra abandonada. Afinal, a fuga de muitos a essa marginalidade ou à heterodoxia talvez não seja mais do que a renúncia desesperada à mais sublime experiência humana – a Liberdade!

À luz destas perspectivas, a Filosofia não poderá ser denunciada como algo inútil, nem ser suprimida pelas ciências ou pelas religiões, pois seguramente se levanta como o lugar a partir do qual, estas serão apreciadas e julgadas, mediante análise racional e radical, indispensável aos seres humanos, não como especialidade oratória, mas como imperativo de racionalidade num esforço crítico e sistemático com vista à unificação de todos os conhecimentos e, por consequência, à construção de uma visão coerente e fundamentada da realidade.

Pensar a utilidade da Filosofia constitui-se, em última análise, como tarefa própria da sua natureza, talvez por isso mesmo não necessite de defensores, embora perante o fascínio que as ciências humanas exercem no debate contemporâneo a par da crença nas

⁵ Lefebvre, Henri, “La Fin de L’Histoire”, Paris, Minuit, 1970, p. 152.

⁶ Lefebvre, Henri, “Le Manifeste Différentialiste”, Paris, Gallimard, 1960, p. 49.

⁷ Sá, Pedro de Moura e, “Vida e Literatura”, Lisboa, Bertrand, 1960, p. 38-39.

virtudes da própria Ciência, dir-se-á que o próprio acto de filosofar fica bloqueado ou, no mínimo, duvide da sua validade e, assim, se acentue a sua inutilidade. Todavia apesar de ter sido posta em questão, a Filosofia retomou com tenacidade as profundas interrogações sobre a realidade, a reflexão acerca do Ser, as decisivas interrogações sobre os valores e a incontornável meditação da sua relação com as ciências humanas, aspirando a um saber último e total, para que os seres humanos não vivam como habitantes da caverna, possibilitando-lhes o acesso aos limites do pensável, ao saber absoluto não obstante, em última instância, nada possa diminuir a decepção, a nostalgia e a angústia, cifras dramáticas da sabedoria magoada da precária condição humana.

Luís de Araújo